

Artigos

Uma leitura do conto “O negro e as cercanias do negro”, de Haroldo Maranhão, sob a perspectiva do corpo e do desejo a partir de Foucault

A reading of the short story “O negro e as cercanias do negro”, by Haroldo Maranhão, from the perspective of the body and desire from Foucault

**Andressa de Jesus Araújo Ramos^I , Arlen Maia de Melo^{II} ,
Marcos Antônio Fernandes dos Santos^{III} **

^IUniversidade Estadual do Maranhão, São Luís, MA, Brasil

^{II}Universidade Federal do Pará, Belém, PA, Brasil

^{III}Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, MS, Brasil

RESUMO

Haroldo Maranhão foi um importante escritor, jornalista e advogado brasileiro natural da cidade de Belém que destacou-se com sua brilhante produção literária e adquiriu grande visibilidade para a literatura paraense. Este trabalho propõe uma análise do conto “O negro e as cercanias do negro” (2001), com enfoque nas manifestações do desejo e o controle exercido sobre os corpos verificados através da articulação das personagens no interior da narrativa. Para tanto, valemo-nos dos estudos de Bataille (1987), Foucault (1988), Dalcastagnè (2008), entre outros teóricos que dialogam com a temática em questão. Sendo assim, acredita-se que estas reflexões, ainda que iniciais, suscitem, cada vez mais, o interesse pelos estudos das obras deste grande escritor paraense.

Palavras-chave: Corpo; Desejo; Alteridade; Haroldo Maranhão

ABSTRACT

Haroldo Maranhão was an important Brazilian writer, journalist, and lawyer from Belém who gained recognition for his literary production, achieving significant visibility for literature from the state of Pará. This paper presents an analysis of the short story “O negro e as cercanias do negro” (2001), focusing on manifestations of desire and the control exercised over bodies, observed through the interactions between characters within the narrative. The methodology adopted is a qualitative interpretative literary analysis, supported by theoretical contributions from Bataille (1987) and Foucault (1988; 1984), in addition to critical perspectives by Dalcastagnè (2008) and other scholars who address similar subjects.

The corpus is composed of the selected short story from the collection *O nariz curvo*. It is expected that this discussion may encourage further academic interest and research on the works of this prominent writer from Pará.

Keywords: Body; Desire; Alterity; Haroldo Maranhão

1 INTRODUÇÃO

A obra de Haroldo Maranhão ocupa lugar singular no cenário da literatura brasileira, em especial na produção oriunda da região Norte, pela experimentação formal e pela abordagem de temas considerados tabu, como erotismo, relações de poder, racismo e fissuras da vida conjugal. No conto “O negro e as cercanias do negro”, incluído na coletânea *O nariz curvo* (2001), o autor articula tais questões em uma narrativa que tensiona desejo e repulsa, atração e medo, corpo e moral, tendo como eixo a relação ambígua entre uma mulher branca e um homem negro.

Este artigo tem como objetivo analisar de que modo o conto constrói, simultaneamente, uma economia do desejo e um regime de controle dos corpos, evidenciando as marcas de alteridade racial e de gênero que atravessam a experiência da personagem feminina. Interessa-nos observar como a narrativa encena o corpo negro como objeto de desejo e de repulsa, ao mesmo tempo em que revela a interiorização de normas morais e sociais que modulam a sexualidade.

Metodologicamente, a pesquisa se organiza como um estudo qualitativo, de caráter bibliográfico e interpretativo, fundamentado na análise de texto literário. Parte-se de uma leitura atenta (*close reading*) do conto, articulando os elementos narrativos (personagens, focalização, imagens do corpo, léxico do desejo) às reflexões teóricas de Bataille (1987) sobre o erotismo, de Foucault (1984; 1988) acerca da sexualidade e dos mecanismos de poder, e de Dalcastagnè (2008) quanto às representações raciais na literatura brasileira contemporânea, além de contribuições de Leffa (1996) e França (2009) sobre reflexos, duplo e alteridade.

O artigo organiza-se em quatro momentos. No primeiro, apresenta-se sucintamente Haroldo Maranhão e o conto em análise, destacando alguns traços de sua escrita. Em seguida, discutem-se conceitos de erotismo e sexualidade a partir de Bataille e Foucault, delineando o quadro teórico de leitura. No terceiro momento, desenvolve-se a análise do conto, com foco nas relações entre corpo, desejo e alteridade. Por fim, nas considerações finais, retomam-se os principais resultados e indicações de continuidade para a pesquisa.

2 A TRAJETÓRIA DE HAROLDO MARANHÃO

Haroldo Paulo de Lima Maranhão, amplamente conhecido como Haroldo Maranhão, nasceu em Belém do Pará, no dia 7 de agosto de 1927. Filho do jornalista João Maranhão e de Carmem Lima Maranhão, cresceu em um ambiente profundamente marcado pela escrita e pela política, uma vez que seu avô, Paulo Maranhão -proprietário do jornal *Folha do Norte* - mantinha embates públicos com o governo de Magalhães Barata. Esse contexto familiar contribuiu para que, desde cedo, o autor tivesse contato com o universo da imprensa e da produção textual.

Ainda na adolescência, por volta dos treze anos, atuou como repórter policial no jornal da família, chegando posteriormente ao cargo de redator-chefe. Entre 1946 e 1950, coordenou o suplemento *Arte Literatura* do *Folha do Norte*, periódico que teve papel relevante na circulação de textos e debates literários no cenário cultural paraense. Anos mais tarde, fundou a Livraria Dom Quixote, espaço que se tornou ponto de encontro e circulação intelectual entre escritores, críticos e leitores, recebendo o apoio de nomes como Benedito Nunes e Mário Faustino na organização da revista *Encontro*.

Formou-se em Direito pela Universidade Federal do Pará (UFPA) e atuou como advogado, chegando ao cargo de procurador da Caixa Econômica Federal no Rio de Janeiro — cidade onde residiu por cerca de vinte anos. Apesar da carreira jurídica, sua produção literária ocupou espaço central em sua trajetória, sendo publicada no

Brasil e em outros países, como Portugal, Estados Unidos e antiga Tchecoslováquia, principalmente em jornais e revistas.

Haroldo Maranhão faleceu em 15 de julho de 2004, aos 77 anos, sendo sepultado em Piabetá, no município de Magé (RJ). Sua obra permanece como referência significativa para os estudos literários do Norte do Brasil, ainda que parte de sua produção tenha circulação restrita ou esporádica devido à ausência de reedições sistemáticas.

A escrita do autor destaca-se por sua construção estilística marcada pela dualidade, repetição e estrutura narrativa labiríntica. Sua prosa frequentemente exige leituras reiteradas, uma vez que opera com deslocamentos, espelhamentos e ambiguidades que rompem expectativas tradicionais do leitor. Essa característica, perceptível no conto “O negro e as cercanias do negro” (2001) - corpus deste estudo - reforça a necessidade de interpretação cuidadosa e atenta às camadas simbólicas e discursivas que compõem sua narrativa.

Assim, compreender o percurso literário de Haroldo Maranhão é também reconhecer sua relevância na formação de um imaginário estético amazônico e no diálogo entre literatura, corpo, desejo e alteridade — questões centrais para a análise proposta neste artigo.

3 PONDERAÇÕES SOBRE O EROTISMO: A RELAÇÃO CORPO E DESEJO

O erotismo é um dos elementos centrais no conto analisado e se manifesta de forma contrastante: ao mesmo tempo em que a personagem deseja o corpo do negro, também o rejeita. Tal ambiguidade é evidente no trecho: “Bem que se esforçou para desviar os olhos, mas não conseguia, um imã sujeitando-a” (Maranhão, 2001, p. 15). Essa contradição revela um embate interno entre atração e repulsa, desejo e moral, expressando tensões inscritas cultural e simbolicamente no corpo social.

Para o escritor francês Georges Bataille (1987), o erotismo se desdobra em três manifestações principais: o erotismo dos corpos, o erotismo dos corações e o

erotismo sagrado. Embora distintas, essas manifestações têm em comum a tentativa de romper a aparente descontinuidade da existência humana, criando brechas para experiências que ultrapassam os limites individuais e racionais do ser.

O erotismo dos corpos, segundo Bataille (1987), é marcado pela materialidade e pelo contato físico, carregando um aspecto “pesado e sinistro”, pois preserva certa dimensão egoísta e visceral. Já o erotismo dos corações se afasta da esfera puramente física, apresentando-se como experiência afetiva, ainda que permaneça conectado ao primeiro nível. Por fim, o erotismo sagrado seria aquele que transcende os limites da vida comum, aproximando-se de uma experiência ritualística, mística e, muitas vezes, associada à morte — ponto no qual o erotismo radicaliza sua potência transgressora.

Nesse sentido, quando Bataille (1987, p. 17) afirma que, na experiência mística, “quer-se somente que nada perturbe o indivíduo”, aponta para a dimensão existencial do erotismo sagrado, reservado a momentos limítrofes da vida, geralmente associados à velhice ou à proximidade da morte: “A experiência mística é reservada à idade madura, quando se está perto da morte: no momento em que faltam as condições favoráveis à experiência real” (Bataille, 1987, p. 17).

A discussão de Bataille auxilia a compreender a intensidade do desejo no conto, sobretudo pela forma paradoxal com que a protagonista se aproxima do corpo negro. No entanto, é com os estudos de Michel Foucault que a compreensão do erotismo no texto ganha uma dimensão mais ampla, articulada à sexualidade enquanto construção histórica, discursiva e normativa.

Para Foucault (1988), a sexualidade no regime vitoriano foi organizada a partir do modelo do casal heterossexual, legítimo e procriador, que determinava a norma e detinha o direito de falar sobre o sexo. Nesse modelo, o sexo se restringia ao quarto do casal, e as práticas sexuais que escapavam dessa ordem passavam a ser silenciadas, ocultadas ou patologizadas. Assim, “o casal legítimo e procriador dita a lei [...] faz reinar a norma, detém a verdade e guarda o direito de falar” (Foucault, 1988, p. 8).

Fora desse espaço regulamentado, a sexualidade era relegada aos subterrâneos sociais: prostíbulos, hospitais psiquiátricos e zonas de marginalidade, espaços onde o prazer era permitido apenas mediante segredo, vigilância e transgressão. Como afirma Foucault (1988), nesses espaços, o sexo podia se apresentar de forma concreta, porém sempre fragmentado e controlado.

A repressão sexual moderna, conforme o autor, está diretamente relacionada ao desenvolvimento do capitalismo e à necessidade de disciplinar corpos e comportamentos, de modo que o sexo se tornava incompatível com a lógica produtiva:

“Se o sexo é reprimido com tanto rigor, é por ser incompatível com uma colocação no trabalho, geral e intensa [...]” (Foucault, 1988, p. 10)

Nesse ponto, percebe-se que, enquanto Bataille analisa o erotismo sob a perspectiva existencial da transgressão, Foucault o insere em uma matriz histórica ligada à produção de discursos, normas e práticas de poder. Os dois autores, portanto, convergem na compreensão do erotismo como espaço de tensão, mas divergem no foco: enquanto um investiga o excesso e o interdito como experiência metafísica, o outro compreende o desejo como categoria histórica, regulada e atravessada por relações de poder.

No contexto do conto analisado, essas reflexões teóricas permitem compreender que o erotismo não surge apenas como experiência íntima ou pessoal, mas como dispositivo marcado por relações raciais, hierarquias sociais e convenções morais. Assim, ao mesmo tempo em que o desejo da protagonista se manifesta como impulso corporal, ele também revela a operação de mecanismos históricos de controle, culpa e repressão.

4 A ESCRITA HAROLDIANA: O TEXTO COMO REFLEXO DO OUTRO

O conto “O negro e as cercanias do negro”, a partir do qual se desenvolve esta análise, foi publicado em 2001 na coletânea *O nariz curvo*. Na escrita de Haroldo Maranhão, observa-se a predominância de efeitos duplos, espelhamentos

e deslocamentos enunciativos que exigem do leitor uma leitura atenta e reiterada, já que os sentidos não se esgotam em uma primeira aproximação do texto.

A estrutura narrativa haroldiana frequentemente apresenta rupturas, repetições e camadas discursivas que demandam do leitor um movimento constante de retorno. Essa característica aproxima a experiência da leitura à ideia de inquietação interpretativa, marcada por opacidade e estranhamento — elementos que compõem um dos traços estilísticos recorrentes do autor. A sensação de “duplo”, recorrente na narrativa, é reforçada pela construção fragmentada da subjetividade das personagens e pela alternância entre repulsa e desejo.

Essa complexidade do gesto de leitura pode ser relacionada aos estudos de Leffa (1996), que observa que o ato de ler literatura frequentemente opera por meio de múltiplas camadas de sentido, comparáveis a espelhos sucessivos:

Entre o leitor e o que ele vê através da leitura pode haver mais de um espelho. Ocorre então que aquilo que é percebido é um reflexo do reflexo da realidade. Esse parece ser principalmente o caso da leitura de uma obra literária, que pode implicar não apenas reflexos de reflexos, mas verdadeiros encadeamentos de reflexos. (Leffa, 1996, p. 11)

A partir dessa perspectiva, a leitura do conto haroldiano configura-se como um movimento interpretativo no qual o texto funciona como espelho, refletindo não apenas a construção narrativa, mas também o olhar do leitor — seu repertório, seus limites interpretativos e suas possíveis tensões com a alteridade representada.

Essa relação entre o eu e o outro é articulada de maneira provocadora na narrativa, sobretudo porque o desejo da personagem feminina recai sobre uma figura descrita simultaneamente como objeto de atração e repulsa. Nesse ponto, torna-se pertinente retomar a noção de duplo, entendida não apenas como duplicação literal, mas como espelhamento psicológico, tensão identitária e confronto com aquilo que é familiar e, ao mesmo tempo, perturbador. Conforme aponta França (2009):

Os desdobramentos das imagens do eu, as autoduplicações da consciência, podem, portanto, revelar tanto a semelhança quanto a diferença. Contudo, a aversão ao ‘outro’, produzida pelo duplo antagônico, possui uma força ainda mais terrível: o mal aqui é identificado não como o que é radicalmente diferente, mas com algo que mantém com o sujeito uma estranha familiaridade. (França, 2009, p. 8)

Essa observação ajuda a compreender a experiência da protagonista, que reconhece no corpo negro um espelho distorcido de si: algo que desperta o desejo ao mesmo tempo em que ameaça sua identidade social, moral e afetiva. O “outro”, nesse contexto, não representa apenas diferença racial, mas também transgressão do domínio simbólico que estrutura a personagem e sua posição no mundo.

Dessa forma, a escrita haroldiana recria o duplo como um mecanismo literário que tensiona categorias de identidade, desejo e poder. A literatura deixa de ser um espaço de representação neutra e passa a operar como provocação crítica, expondo fissuras sociais, afetivas e discursivas.

Assim, a narrativa analisada constitui um espaço de deslocamento - do sujeito, do corpo, da linguagem e do desejo. A experiência da leitura se torna, portanto, um exercício de estranhamento: ao confrontar o texto, o leitor é também confrontado por aquilo que nele persiste como reflexo, sobra, espelho ou desconforto.

5 O NEGRO DESEJADO E A MULHER BRANCA REJEITADA: OS DOIS EXTREMOS DO CONTO HAROLDIANO

Ao contrário da tradição literária clássica brasileira, na qual o corpo negro frequentemente aparece associado à marginalização, à servidão ou ao apagamento social, o conto “O negro e as cercanias do negro” apresenta uma inversão significativa desse lugar discursivo. Na narrativa, a figura do negro emerge como objeto de desejo - ainda que atravessado por tensões de repulsa, hierarquia social e imaginário racial estereotipado.

Conforme observa Dalcastagnè (2008, p. 99), trata-se do “corpo desprezível que a mulher branca, em sua irracionalidade, deseja”. Assim, o erotismo não se configura apenas como impulso físico, mas como mecanismo simbólico que expõe contradições históricas e sociais. A protagonista - uma mulher branca, casada, pertencente à elite - experiencia sentimentos antagônicos ao observar o corpo do negro, simultaneamente admirado e rejeitado.

A narrativa apresenta essa mulher como alguém com cerca de cinquenta anos, bem casada, situada socialmente, mas movida pelo desejo intenso e incontrolável: “nela pulsavam energias, latejavam” (Maranhão, 2001, p. 18). A presença física do negro desperta nela sensações corporais e psicológicas que escapam ao controle racional. Em determinado momento, o texto descreve que o desejo provoca reação física extrema: “o batimento do coração entrou em descompasso, como se fosse parar e quase parar e quase para” (Maranhão, 2001, p. 18).

Ao mesmo tempo, esse desejo lhe devolve vitalidade, pois “mirava-se no espelho quando saía da banheira e achava-se a mulher de trinta anos” (Maranhão, 2001, p. 20). O ato de desejar o negro provocava na mulher várias sensações antagônicas (nojo-prazer), (coragem-medo), (alegria-tristeza), (força-cansaço), dentre outros, como podemos perceber:

Sentia cansaço mas sustentava o passo nas imediações das espáduas do negro, no seu vácuo. E os olhos rolavam da coxa para a meia laranja das nádegas, para a placa dos rins. Cintura de bandolim da Andaluzia, imaginou, e de novo sorriu. Ardia-se por avançar as mãos nas carnes de osso. Mas como?, como? Se ousasse, colidiria na carnadura que eram chapas que se superpunham e atritavam-se. O negro cambiava, cambiava sim. Ou seria alucinação? (Maranhão, 2001, p.15-16)

A contradição - desejo e nojo, coragem e medo - é fundamental para compreender a complexidade da personagem. O desejo, segundo o *Dicionário Houaiss* (2009), corresponde à aspiração por algo almejado; já Foucault (1984, p. 42) reforça

que “o desejo leva ao ato, o ato é ligado ao prazer e o prazer suscita o desejo”. Nessa perspectiva, o prazer não é um fim em si mesmo, mas um circuito que se retroalimenta e se articula com estruturas morais, sociais e históricas.

A descrição do corpo masculino na narrativa é marcada por detalhes que revelam, por parte da protagonista, fascínio pela materialidade física - força, volume, suor, movimento. O narrador destaca que o negro realizava:

(...) dez flexões, cem flexões, mil flexões, suportando o corpo pela extremidade dos artelhos e pela palma da mão. [...] Tentou contar as flexões, porém o animal resfolegando mais a perturbava. Em transe é como se sentia, em transe. (Maranhão, 2001, p. 16-17)

Além do corpo, elementos aparentemente banais — como a camisa com o escrito *MAKE YOUR MOVE* — transformam-se, para ela, em gatilho erótico. Ainda que o negro não compreenda o sentido da frase estampada, a mulher atribui-lhe significados imaginários, projetando fantasias: “*MAKE YOUR MOVE*. Ela sorriu enchendo os pulmões: *MAKE YOUR LLLLLOVE*” (Maranhão, 2001, p. 15). Assim, linguagem, corpo e desejo passam a operar como camadas interpretativas que extrapolam o real. A cena, observada pela mulher, lhe causava ainda mais prazer, pois “a imagem ou a lembrança da coisa que dá prazer” leva o autor a concluir que “não poderia haver desejo senão na alma.” (Foucault, 1984, p.42)

O conto “O negro e as cercanias do negro”, efetivamente, revela uma mulher em dois extremos: de um lado, tomada pelo desejo desenfreado de possuir o negro e, de outro, uma mulher tomada pelo medo. O medo, na narrativa, apresenta-se diversas vezes ao longo do desenrolar dos fatos, porém de forma paradoxal, visto que a mulher teme “(...) voltar-se e o negro haver ido embora” (Maranhão, 2001, p. 14). Em outro momento, ela “(...) temia a brutalidade” (Maranhão, 2001, p. 19). Essa ambiguidade e a preferência por pares antitéticos parecem constituir traços característicos do estilo do escritor Haroldo Maranhão, pois, ao menos nesse conto, tal recurso se evidencia de modo marcante.

É interessante perceber a forma habilidosa com que Haroldo Maranhão nos leva a refletir sobre temáticas socialmente interditas, tais como: a traição, o sexo, as relações de poder mediadas pelas classes sociais, o racismo, entre outras. Além desses aspectos, Haroldo Maranhão põe em foco também a acomodação do casamento, a falta de apetite sexual e os perigos decorrentes dessa ausência de interesse. Muitas vezes, o casamento representa mais um status social do que, verdadeiramente, o amor e a manifestação do prazer por meio do ato sexual, reduzindo-o à função reprodutiva. À vista disso:

(...) o casamento só encontraria a relação sexual em função reprodutora, enquanto que a relação sexual não colocaria a questão do prazer a não ser fora do casamento. E, como consequência, não se vê porque as relações sexuais constituíram problemas na vida conjugal, salvo quando se trata de dar ao marido uma descendência legítima e feliz. (Foucault, 1984, p.130).

Na verdade, Foucault (1984) acentua que, no casamento, a diferença de gêneros atribui um valor à relação sexual, posto que "(...) nenhuma regra nem costume impede o homem de ter relações sexuais extraconjugais" (Foucault, 1984, p. 25), tanto com outras mulheres quanto com outros rapazes - por que não? Relações essas, ou seja, entre indivíduos do mesmo sexo, que, segundo Foucault (1984), o cristianismo desqualificou e excluiu rigorosamente.

A fidelidade sexual do marido em relação à esposa legítima "(...) não era exigida pelas leis nem pelos costumes; não deixava de ser, contudo, uma questão que se colocava e uma forma de austeridade a que certos moralistas conferiam grande valor" (Foucault, 1984, p. 20). No conto de Haroldo Maranhão, o desejo se manifestava de forma mais ardente e impetuosa na mulher, embora tal sensação também fosse despertada no negro posteriormente, uma vez que, na narrativa, seu casamento estava desgastado, pois havia perdido a vibração: não havia mais envolvimento entre os corpos, já que seu marido dormia todas as noites "(...) que a enxergaria como irmã,

amiga; agastarem-se não se agastavam, amigos, irmãos que se estimavam, que se amam, se admiram e se respeitam” (Maranhão, 2001, p. 16).

Mesmo apresentando-se sexualmente ativa e o marido, passivo, ela sentia-se dividida entre o amor e o respeito pelo marido e o desejo irresistível pelo negro. A mulher, de fato, “(...) se esforçou para desviar os olhos, mas não conseguia, um ímã sujeitando-a” (Maranhão, 2001, p. 15). O medo de entregar-se ao negro poderia estar relacionado à moral, isto é, “(...) um conjunto de valores e regras de ação propostos aos indivíduos e aos grupos por intermédio de aparelhos prescritivos diversos, como podem ser a família, as instituições educativas e as igrejas” (Foucault, 1984, p. 26).

Foucault (1984) afirma que o cristianismo teria associado o ato sexual ao valor do mal, do pecado, da queda e da morte; por outro lado, aquele que fosse “(...) capaz de se desviar do prazer, como uma tentação na qual ele sabe não cair” (Foucault, 1984, p. 22) seria considerado um herói, em razão de

A ênfase é colocada na relação consigo que permite não se deixar levar pelos apetites e pelos prazeres, que permite ter, em relação a eles, domínio e superioridade, manter seus sentidos num estado de tranquilidade, permanecer livre de qualquer escravidão interna das paixões, e atingir a um modo de ser que pode ser definido pelo pleno gozo de si ou pela soberania de si sobre si mesmo. (Foucault, 1984, p.30).

Além dessa questão moral, o medo de a mulher se entregar ao desejo pode também resultar do abismo existente entre ambos, relacionado às classes sociais, dado que ela, em determinado momento:

Quis proceder como as rainhas procedem, ou as da sua classe e condição, que se afundam na paina das almofadas e apenas giram a cabeça, os olhos comandam se pressa porque não têm pressa, o copeiro espera as ordens, a cozinheira ferverá a água para o chá quando isso lhe for dito, servos há para trazer o gato, para levar o gato, para depilar-lhe as pernas, especialista para massageá-la a óleo de amêndoas regado no corpo. (Maranhão, 2001, p.16)

Por outro lado, o negro desejado “(...) se deslocava como se pisasse em molas. Dele emigrava vento de pobreza - foi no que ela pensou - vento de pobreza, de homem que usa os braços, sua a camisa” (Maranhão, 2001, p. 15). A segunda questão que causava temor à mulher que cobiçava o negro era o cheiro dele, que “(...) causava desconforto na mulher, como se houvesse destampado lata de carne de porco em decomposição” (Maranhão, 2001, p. 15).

A imagem construída pelo narrador torna evidente o choque entre o imaginário aristocrático da mulher e a materialidade corporal atribuída ao homem negro. A tensão entre desejo e repulsa não se limita ao campo privado do erotismo: ela opera como metáfora das estruturas coloniais que historicamente definiram corpos negros como objetos de trabalho, mas nunca como sujeitos desejáveis dentro do universo branco burguês. Assim, o medo que a atravessa não deriva apenas do ato proibido, mas do colapso simbólico que esse desejo poderia produzir: ao desejar o corpo racializado e socialmente marginalizado, ela ameaça desestabilizar a ordem social que a constitui enquanto “senhora”.

O negro descrito não é apenas um indivíduo - é signo. Ele condensa, na narrativa, o encontro brutal entre erotismo, raça e classe; um encontro cuja impossibilidade revela mais sobre a branquitude e seus mecanismos de controle do que sobre o objeto desejado. Desse modo, Maranhão expõe o racismo estrutural não como discurso explícito, mas como afeto: nojo, medo, fantasia, hierarquia e violência simbólica. A literatura, nesse ponto, opera como um campo de desvelamento do que a moralidade burguesa tenta ocultar - o fato de que o desejo, mesmo reprimido, escapa e revela as fissuras do poder.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo analisar o conto “O negro e as cercanias do negro” (2001), observando especialmente as manifestações de desejo e os mecanismos de controle exercidos sobre os corpos no interior da narrativa. Por meio de uma leitura

analítico-interpretativa do texto literário, articulada ao aporte teórico de Bataille (1987), Foucault (1988; 1984), Dalcastagnè (2008) e demais autores mobilizados no percurso analítico, foi possível aprofundar a compreensão das tensões instauradas no conto, sobretudo no modo como o corpo e o desejo se constituem como dispositivos simbólicos que atravessam questões sociais, raciais, históricas e culturais.

A análise revelou que as manifestações ambivalentes de desejo e repulsa presentes na narrativa ultrapassam aspectos individuais da personagem feminina e apontam para estruturas socioculturais mais amplas. A partir do diálogo com Foucault, compreendeu-se que a repressão do desejo não se limita a uma dimensão moral, mas está associada a dispositivos sociais de poder que regulam comportamentos, corpos e identidades. Já a contribuição de Bataille permitiu identificar o erotismo como experiência limite, marcada pelo excesso, pela transgressão e pela ruptura da individualidade.

Dessa maneira, observa-se que o conto de Haroldo Maranhão não apenas tematiza o erotismo e o desejo, mas o faz tensionando estruturas de classe, gênero e raça. O corpo negro, desejado e simultaneamente rejeitado, torna-se signo potente da alteridade e da desigualdade, funcionando como espelho desconfortável da protagonista e, em alguma medida, da sociedade que ela representa.

O percurso analítico também evidenciou a complexidade estética da escrita haroldiana, marcada pelo uso do duplo, pela repetição e por uma estrutura narrativa que provoca estranhamento e exige do leitor uma postura atenta e interpretativa. Assim, compreender sua estética literária revela-se desafiador, mas necessário, especialmente diante da escassez editorial e da ainda limitada circulação crítica de sua obra.

Com isso, espera-se que este estudo contribua para ampliar o interesse acadêmico pela produção literária de Haroldo Maranhão, destacando sua relevância estética e temática. A ressignificação contemporânea de sua obra, atravessada por

debates sobre corpo, poder, desejo, raça e gênero, revela não apenas a potência literária do autor, mas também a pertinência de sua leitura no contexto atual.

REFERÊNCIAS

BATAILLE, Georges. **O erotismo**. Tradução de Antonio Carlos Viana. Porto Alegre: L&PM, 1987.

DALCASTAGNÈ, Regina. Entre silêncios e estereótipos: relações raciais na literatura brasileira contemporânea. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, n°. 31. Brasília, janeiro-junho de 2008, p. 87- 110.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: A vontade do Saber**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e José Augusto Guilhaon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade II: O uso dos prazeres**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. Revisão Teórica de José Augusto Guilhaon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984

FRANÇA, Julio. O insólito e seu duplo. In: GARCIA, Flávio; MOTA, Marcus Alexandre (Orgs.). **O insólito e seu duplo**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2009.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Elaborado pelo Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

LEFFA, Vilson José. **Aspectos da leitura**. Porto Alegre: Sagra: DC Luzzatto, 1996.

MARANHÃO, Haroldo. **O nariz curvo: contos**. Belém: SECULT/IOE, 2001.

Contribuição de Autoria

1 – Andressa de Jesus Araújo Ramos

Professora da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA). Doutora em Estudos Literários pelo Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguística e Teoria Literária (PPGL) da Universidade Federal do Pará (UFPA- 2020), vinculada a linha de pesquisa: Literatura, Memórias e Identidades. Atua nos seguintes temas: Literatura Brasileira, Poéticas Orais, Velhice/envelhecimento feminino e Metodologia do Trabalho Científico (MTC).

Universidade Estadual do Maranhão

<https://orcid.org/0000-0002-1113-443X> • adjaramos@gmail.com

Contribuição: Conceituação; Metodologia; Investigação; Escrita – rascunho original.

2 – Arlen Maia de Melo

Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Estudos Antrópicos na Amazônia (PPGEAA-UFPA Castanhal-PA). Graduado em Pedagogia pela Universidade Norte do Paraná (UNOPAR) 2022. É Licenciado Pleno em Letras com Habilitação em Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Pará (UFPA- Campus Universitário de Castanhal) 2018. Atualmente é Coordenador Pedagógico na Modalidade de Ensino EJA na Escola Edgar Joaquim Pereira (2023) no Município de Peixe-Boi. Professor de Língua Portuguesa na Secretaria Municipal de Educação em Nova Timboteua-Pa (2023).

Universidade Federal do Pará

<https://orcid.org/0000-0002-9599-6220> • arlen.maia@outlook.com

Contribuição: Análise formal; Curadoria de dados; Escrita – revisão e edição; Validação.

3 – Marcos Antônio Fernandes dos Santos

Mestre em Letras (Teoria Literária), pela Universidade Estadual do Maranhão; Doutor em Letras (Estudos Literários), pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul; Professor Substituto do curso de Licenciatura em Letras Língua Portuguesa e literaturas de Língua Portuguesa, na Universidade Estadual do Maranhão, lecionando disciplinas de Literaturas Brasileira, Africanas e Portuguesa.

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

<https://orcid.org/0000-0002-6892-5056> • marcossantos@professor.uema.br

Contribuição: Supervisão; Administração do projeto; Escrita – revisão e edição.

Conflito de Interesses

Os autores declaram não haver conflito de interesses.

Direitos Autorais

Os autores dos artigos publicados pela Lit&Aut/UFSM mantêm os direitos autorais de seus trabalhos.

Verificação de Plágio

A Lit&Aut/UFSM mantém a prática de submeter todos os documentos aprovados para publicação à verificação de plágio, utilizando ferramentas específicas, como por exemplo: Turnitin.

Editora-chefe

Rosani Ketzer Umbach

Como citar este artigo

RAMOS, A. de J. A.; MELO, A. M. de; SANTOS, M. A. F. dos. Uma leitura do conto “O negro e as cercanias do negro”, de Haroldo Maranhão, sob a perspectiva do corpo e do desejo a partir de Foucault. **Literatura e Autoritarismo**, n. 45, e89715, 2026. DOI: <https://doi.org/10.5902/1679849X89715>. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/LA/article/view/89715>. Acesso em: xx/xx/xxxx.